

QUATRO RECANTOS MISERÁVEIS

Setor de clubes sul

Escondida no interior do cerrado que circunda o Setor de Clubes Sul, próximo ao Campo Escola dos Escoteiros, existe uma cidade sem nome. Erguida em meio a montanhas de detritos, que reúnem de comida podre e animais mortos a dejetos humanos, conta com cerca de 150 barracos feitos de papelão e pedaços de madeirite. Nos abrigos improvisados, vivem quase 600 pessoas, todos invasores da área.

Com estreitas ruas de terra, traçadas pelos passos dos moradores entre o mato alto e seco, a invasão tem como meio de transporte velhas carroças. Todas foram adquiridas com o dinheiro ganho pelo trabalho coletivo da comunidade. Os invasores são catadores de lixo. Ganham em média R\$ 50 por semana.

Para conseguir este orçamento, passam o dia inteiro debruçados sobre latas e depósitos cheios de moscas, de várias quadras da Asa Sul. Separam a parte mais importante do lixo, folhas de papel e jornais, e levam nas carroças até a invasão. Para si, reservam pedaços de papelão,



Maria das Graças: "O clube deu o terreno pra gente construir casa"

utilizado normalmente no reparo da parede de algum barraco. O restante é vendido às fábricas de recicláveis.

Maria da Solidade Pereira Bento é uma das invasoras. Com a filha Jaqueline agarrada à cintura, enquanto cozinha uma panela de arroz no pequeno fogão à lenha, não sabe dizer se tem 23 ou 24 anos. "Perdi minha certidão de nascimento na mudança", justifica. A mudança de que fala aconteceu há quase cinco anos, quando ela e o marido saíram do município de Irecê (BA) para tentar a sorte em Brasília. A decisão foi tomada após um período de três meses de fome. "Em Brasília isso não acontece. A cidade é muito rica", afirma.

Iate clube

Em frente ao Iate Clube, no início do Setor de Clubes Norte, crianças magrelas e de barriga inchada brincam sobre um depósito de lixo. Quase sempre vivem sujas e sem roupa. Mesmo assim, segundo Maria Madalena da Silva, 61 anos, doenças não são frequentes. "De vez em quando, aparece uma gripe, piolhos ou bichinhos de porco", afirma. Neste caso, o jeito é colocar a meninada na carroça e levar até o Hospital Regional da Asa Norte (Hran), o mais próximo da invasão.

Madalena vive no local há quase 10 anos. Avó de 53 netos

e 3 bisnetos, ela mostra os poucos móveis que tem em seu barraco. Um fogão a gás, uma cama quebrada, sustentada por tijolos, um rádio de pilha e algumas roupas. O alimento é comprado no comércio da Asa Norte e as roupas lavadas no lago Paranoá, a menos de 500 metros da invasão.

Neste aglomerado, onde existem 22 barracos e quase 80 pessoas, os invasores também são catadores de lixo. Um pouco mais organizados que os do Setor de Clubes Sul, fundaram há quase cinco meses a Associação dos Catadores de Papel. Agora, esperam conseguir do governo uma nova área para trabalhar. "Não somos bandidos nem mendigos. Somos apenas trabalhadores que vivem da coleta de lixo. Tenho orgulho do meu trabalho", afirma o invasor Edmilson Alves da Silva, 33.

Minas tênis clube

Ao lado do Minas Tênis Clube há uma favela dirente. Os barracos, embora em sua maioria de papelão ou madeirite, se juntam a alguns de alvenaria. Há casos até de barraco com garagem e automóvel dentro.

Os moradores asseguram que a área não é irregular. "Estamos aqui porque o clube deu o terreno para a gente", justifica Maria das Graças Soares Ribeiro, 35 anos. Mas a placa do Instituto de Desenvolvimento Habitacio-

nal (Idhab), fixada em todos os barracos, é clara: "Imóvel identificado para estudo".

Segundo ela, a maioria dos chefes das quase 20 famílias que vivem no local, trabalha no Minas Clube. Maria vive na área há quase 10 anos. Foi lá onde viu nascer as duas filhas, a mais velha com 10 anos. "Já ameaçaram derrubar os barracos, há dois anos, mas não podem tirar o que é da gente", afirma.

Carrefour norte

Ainda na Asa Norte, outra invasão cresce. Os primeiros invasores começaram a aparecer na área em frente ao Carrefour Norte há pelo menos cinco anos. Hoje vivem ali 131 pessoas, em 38 barracos. O mau cheiro e a sujeira contrastam com a beleza da vegetação nativa.

Os membros das famílias levantam seus barracos próximos às casas dos parentes. Formam um núcleo, onde não entram estranhos. Cada família demarca seu território e quem chega depois precisa procurar outro espaço. Por esse motivo, apesar da invasão não ser das numerosas no Plano Piloto, é uma das que mais área ocupa, gerando muitos prejuízos para o meio ambiente.

É em um desses núcleos familiares — uma divisão parecida com a de bairros em uma cidade — que vive Cícero Sousa, 34 anos, que há quatro invadiu a área. Antes de morar ali, por um ano viveu em outra invasão em Taguatinga. Na época, seu barraco foi derrubado e Cícero voltou ao Ceará, com a passagem que o governo lhe pagou. Voltou, mas não ficou. Regressou à Brasília três meses depois e instalou-se com a família, que inclui filhos, tios e até avós, na invasão onde vive atualmente. "Este tempo todo estou esperando o lote que o governo prometeu. Se me tirarem daqui e não receber meu terreno, invado de novo, porque para o Ceará não volto", diz o vendedor de latas, que ganha em média R\$ 150 por mês.